

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

INDIELISBOA: ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO - RETROSPETIVA MOCKUMENTARY

5 de maio de 2026

OS ÚLTIMOS DIAS DE EMANUEL RAPOSO / 2021

um filme de **Diogo Lima**

Realização: Diogo Lima / **Argumento:** Amarino França, Diogo Lima, Francisco Afonso Lopes, André Mendes / **Direção de Fotografia:** João Afonso Vaz / **Montagem:** Diogo Lima, André Mendes / **Som:** Pedro Freitas / **Interpretação:** Mário Roberto, Francisco Afonso Lopes, Mia Tomé, Diogo Lima, João Malaquias, Biagio Volandri Verdolini, João Vaz.

Produção: Maus da Fita / **Produtores:** Carlota Dâmaso, Amarino França, Bruno Tavares Oliveira, João Afonso Vaz / **Cópia:** DCP, cor, legendado em inglês / **Duração:** 46 minutos / **Estreia:** Portugal, 23 de julho de 2021 / Primeira exibição na Cinemateca.

[REC] / 2007

um filme de **Jaume Balagueró e Paco Plaza**

Realização: Jaume Balagueró, Paco Plaza / **Assistente de Realização:** Fernando Sánchez-Izquierdo, Pepo Alba, Inés Lugo / **Argumento:** Jaume Balagueró, Luiso Berdejo, Paco Plaza / **Diretor de Fotografia:** Pablo Rosso / **Montagem:** David Gallart / **Direção de Arte e Designer de Produção:** Gemma Fauria / **Som:** Diego Casares, Meritxell Juncosa, Virgilio Martínez, Xavier Mas, Josep Maria Oliva, Marc Orts, Jaume Puig, Filippo Restelli, David Sans, Oriol Tarragó, Josep Prieto, Javier Valdés, Edgar Vidal, Kiku Vidal / **Efeitos Especiais:** Enric Masip, Àlex Villagrasa / **Figurinos:** Glòria Viguer / **Maquilhagem:** David Ambit, Isabel Duque, Loretta, Imma Pérez, Lucía Salanueva / **Departamento Técnico:** David Flores, Lara Isabel Gómez, Gustavo López, Froilán Lugalde, Víctor Palomo Adalid, Oscar Vallejo, Marc Vives, Pablo Rosso / **Diretor de elenco:** Cristina Campos / **Interpretação:** Manuela Velasco, Ferran Terraza, Jorge-Yamam Serrano, Pablo Rosso, David Vert, Vicente Gil, Martha Carbonell, Carlos Vicente, María Teresa Ortega, Manuel Bronchud, Akemi Goto, Kao Chenmin, Maria Lanau, Claudia Silva, Carlos Lasarte, Javier Botet, etc..

Produção: Castelao Producciones, Filmax / **Produtores:** Carlos Fernández, Julio Fernández, Alberto Marini / **Cópia:** 35 mm, cor, legendado em português / **Duração:** 79 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza, 29 de agosto de 2007 / **Estreia em Portugal:** Fantasporto, 1 de março de 2008 / Primeira exibição na Cinemateca.

com a presença de Diogo Lima

Qual ambiguidade ou construção de mito à escala viral? Nesta era pós-**Blair Witch** já não há necessidade de convencer os dispostos a cair no engano, nem jogar com a ingenuidade quase

infantil de um espectador que procura sentir algo à custa da sua própria irracionalidade – passados mais de 20 anos ainda aqui andamos a surpreender-nos com o realismo de vídeos com o selo “AI generated”, não o fazendo, na maior parte das vezes, por acreditarmos piamente neles (conhecemos os mecanismos), mas porque persiste uma espécie de memória nostálgica da ontologia da imagem fotográfica, uma crença residual na sua veracidade que escolhemos acolher talvez como antídoto contra o aborrecimento. **REC**, de um tempo mais simples do ponto de vista dos recursos, parte precisamente desse dado adquirido - o de que o dispositivo já é reconhecível – nem que seja pelo mar de filmes que tentaram simular o fenómeno após o **Blair Witch Project** com situações mais ou menos credíveis, mais ou menos paranormais.

Nenhuma das fórmulas é, em si, particularmente inovadora: à premissa do *found footage* soma-se a situação clássica do filme de *zombies* – aqui tão rápidos e implacáveis como em **28 Days Later** - um território narrativo que dispensa grandes explicações, e que, quando as exige, tende a adiá-las para uma eventual sequela, pronta a capitalizar o sucesso do original. Mas neste contexto pouco importa a origem da ameaça, o que conta é a sua presença enquanto força motriz, tanto mais eficaz quanto menos definida. O desconhecimento dos seus contornos gera todo este alarido – nós próprios, enquanto espectadores, somos convocados para esse exterior indistinto, esse “resto do mundo” que, na ausência de melhor resposta, forma um cerco em torno do edifício, transformando a clausura (qual nave do **Alien**) num organismo hostil e autónomo que regula o movimento, a fuga e o próprio olhar. A única forma de saciar essa curiosidade mórbida é inseparável da mais fundamental das regras do filme, a necessidade absoluta e quase jornalística de captar o momento: “não pares de filmar, aconteça o que acontecer”. Aceitamos à partida a lógica de contágio, a “suspensão da descrença” já faz parte do *kit* de características que o espectador traz para a sala e tudo o que houver para descobrir vamos descobrindo empiricamente a partir dos personagens, ou, mais precisamente da câmara que se limita a acompanhar, cada vez mais de perto, a perda de controlo.

Emancipada da mera função de registo, a câmara deixa de ser instrumento para se tornar condição de existência. Filma-se porque é preciso filmar; parar equivaleria a perder o único ponto de orientação possível no interior do caos. Ela funciona - até esse esforço se revelar vão - como instrumento de imposição de ordem através da exposição da desordem: ora garante uma forma precária de justiça (ao fixar o acontecimento), ora atua como provocação, fonte de luz improvisada, utensílio de espionagem e motor de aceleração narrativa, levando os repórteres a cometer erros sucessivos na urgência de mostrar mais do que conseguem compreender. Não é por acaso que, na sequência final vemos melhor do que as próprias personagens graças à visão noturna. O médium de captação impõe-se então como prolongamento nervoso de quem o segura, até se confundir com o próprio corpo - um *cameraman* menos no sentido técnico do termo do que numa aceção quase orgânica, como se fosse um corpo híbrido, à maneira de um lobisomem. Há um verdadeiro corpo-câmara, em que o dispositivo se torna personagem e, como tal, é protegido por *plot armour* até quase ao fim. Quando este sucumbe, superado apenas pela protagonista, sabemos que já não há esperança.

A abrir a sessão temos **Os Últimos Dias de Emanuel Raposo**, que pelo título parece igualmente trágico, mas não há em Emanuel Raposo nenhum herói ou mártir numa infeção de zombies em

São Miguel, apenas o lento desmoronar de uma figura que já não encontra lugar no mundo que ajudou a construir. Em vez de “apenas” uma reportagem televisiva temos um *making of* de um programa televisivo local, que revela o esgotamento do próprio gesto de o produzir.

Também aqui há uma forma de clausura, ainda que menos evidente, não num prédio selado, mas numa ilha – que ultrapassa a sua geografia e que é também um espaço mediático e psicológico em mudança. Emanuel Raposo é uma figura que vive encerrada na sua própria projeção passada, alguém com o ego de quem poderia ter conquistado o mundo, mas que ficou reduzido a uma celebridade local, agora deslocada, tolerada mais do que respeitada, até mesmo pela esposa. O espaço insular reforça essa sensação de circuito fechado desprovido daqueles romantismos da moda.

Entre esta comédia e o filme de terror que se segue, fora a temática televisiva, talvez o único ponto em comum seja o sofrimento da *crew*.

Tiago Leonardo